

ciência

Selva!

Sabujos de Bolsonaro pouco se importam com cheiro do sangue de Bruno e Dom

Marcelo Leite

Jornalista de ciência e ambiente, autor de "Pisconautas - Viagens com a Ciência Psicológica Brasileira" (ed. Fósforo)

Muita gente já escreveu sobre os assassinatos de Bruno Pereira e Dom Phillips. É um daqueles momentos atroz em que ninguém decente pode deixar de manifestar indignação e tristeza, fazer uma homenagem e denunciar quem merece. Não conheci Bruno e Dom pessoalmente. Gostaria de ter conhecido. Pelo que selé nos relatos emocionados de amigos como Tom Phillips, Jon Watts, Eliane Brum, Sylvia Colombo e tantos outros, eram profissionais competentes e corajosos, homens de família gentis e fe-

liz. Perdemos todos com suas mortes brutais. Conheço e conheci bem, por outro lado, Lalo de Almeida, Fabiano Maisonnave, Claudio Angelo, Giovana Girardi, Daniela Chiaretti, Fernando Gabeira, André Borges, João Moreira Salles, Leão Serva, Cristina Amorim, Ricardo Arnt, Kátia Brasil e outros tantos jornalistas destemidos. Elas e eles dedicaram boa parte de suas reportagens à pauta ambiental e amazônica, por vezes com alto custo profissional —por insistência diante

de chefes seduzidos por serciais negacionistas. Credite-se à memória sexagenária a omissão de vários nomes com que tenha cruzado nos caminhos de lama e percursos de rio. Conheci também, de perto, pesquisadores e ativistas do quilate de Carlos Nobre, Fany Ricardo, Tasso Azevedo, Beto Ricardo, Claudia Andujar, Eduardo Viveiros de Castro, Mercedes Bustamante, Paulo Moutinho, Ane Alencar, Daniel Nepstad, Claudia Azevedo-Ramos, André Villas-Bôas, Marina Silva, Beto Veríssimo, Cristiane Fontes, Paulo Barreto, Adriana Moreira, Antonio Nobre, Tom Lavejey, Paulo Brando, Caetano Scannavino, Aloisio Cabalzar, Marcos Wesley, Bruce Albert...

Para por aqui, na certeza de ter cometido mais injustiças. Foram guias inesquecíveis em 34 anos de aprendizado sobre a complexidade e a beleza da floresta, seus estoques de carbono e inigualável sociobiodiversidade. Rios portentosos como o Tapajós e o Negro. O olhar compartilhado dos yanomamis e outros índios a nos reconhecer como

humanos, ainda que ameaçadores, antes mesmo de os reconhecermos como parentes. Conheci ainda, embora superficialmente, Ailton Krenak e David Kopenawa. O primeiro abriu-me os olhos para centenas de povos e línguas indígenas na mata e fora dela, durante palestra improvável da USP na disciplina Organização Social e Política do Brasil (OSP), nos anos 1980, arma doutrina da ditadura que atirava pela culatra. O segundo ensinou-me sobre a queda do céu. Qualquer um desses nomes poderia ter aparecido no noticiário como vítimas da violência desumana que abateu Bruno e Dom. Ainda bem que isso não aconteceu. Seguem todos amassando o barro e molhando as roupas na chuva benfazeja da Amazônia, ainda que alguns hoje só o façam em memória. Pouco ou nada conheci, por sorte e aversão, dos militares

que passeiam pela Amazônia. Enchem a boca para falar da riqueza da floresta sem conhecê-las. Gente de má catadura, que se perfilou como guarda pretoriana de Jair Bolsonaro, o mau militar promovido a presidente da República. Para essa caterva, os heróis da Amazônia legal são garimpeiros, grileiros, madeireiros e pistoleiros que matam e desmatam. Povo pobre e ruim, pioneiros na cadeia de atrocidades a beneficiar latifundiários pecuaristas que usam gado para lavar dinheiro de corrupção e têm assento ou cúmplices no Congresso. Mas brasileiros, no cenário da Esplanada ou da Faria Lima, que posam de patriotas e estão sempre prontos a lardar "Selva!" quando ferejam um demônio para abanar o rabo e lambuzar as patas no sangue dos outros.

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | **QUA.** Atila Iamarino, **ESPER** Kallás

Primeira travesti doutora do país defende ciência para fim de clichês

Para pesquisadora, presença em espaços acadêmicos muda produção do saber

VIDA PÚBLICA

Emerson Vicente

SÃO PAULO A presença de travestis e transexuais nas universidades vem crescendo nos últimos anos com a adoção de cotas nas entidades públicas e privadas. No campo da ciência, ainda há obstáculos a serem ultrapassados, como os estereótipos que ainda cercam essa parcela da sociedade. Primeira travesti doutora e docente universitária do Brasil, Luma Nogueira Andrade, 44, professora da Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), no município de Redenção (CE), entende que há uma abertura maior hoje, mas ainda há um caminho bastante desafiador de inclusão e acolhimento. "Existia uma problemática sistematizada historicamente que nos impede muitas vezes de sermos reconhecidos e ocuparmos um espaço legítimo por conta do saber produzido, que quebra os modelos tradicionais e conservadores", diz Luma. Luma defendeu uma tese em educação na UFC (Universidade Federal do Ceará) sobre travestis nas escolas, em 2012. No ano seguinte, passou a integrar o quadro efetivo da Unilab.

"Foi muito difícil ser a primeira a ocupar esse espaço e colocar a temática como relevante no cunho científico porque as pesquisas existentes sobre travestis e transexuais nas ciências humanas foram conduzidas inicialmente no campo da prostituição", diz a docente. "Quando passo a trazer um outro olhar na perspectiva que eu tinha vivenciado, e que havia travestis e transexuais não só nas grandes metrópoles, mas também em áreas do interior, passo a trazer um conhecimento que não era conhecido na época. Algo que não tinha conhecimento científico." Luma iniciou sua trajetória acadêmica nas ciências biológicas. As questões que foram surgindo relacionadas à sexualidade levaram a docente a articular o conhecimento biológico com as ciências humanas. Um dos pontos levantados foi desmistificar a ideia de que travesti está atrelado diretamente ao campo da prostituição. "Não poderia ser o único lugar como estava sendo dis-

seminado no senso comum e na ciência", diz Luma. "Foi desafiador trazer essa temática dentro do espaço da escola para o campo da ciência, porque não era considerado algo científico e relevante." Segundo a professora, existe uma parcela de pesquisadores e cientistas que ainda são conservadores, que influenciam tanto no reconhecimento da temática quanto na abertura da possibilidade de travestis e transexuais exercerem sua dinâmica como cientistas. "Quando pessoas não têm conhecimento desses novos saberes, fica um pouco complicado essa dinâmica. É um dos aspectos que ainda impacta muito na realidade das pessoas travestis e transexuais que vivenciam o espaço da ciência." A cientista ainda percebe um processo de discriminação e de desconfiança, além da tentativa de produzir "descredibilidade" no processo. "Hoje encontramos pessoas travestis e transexuais que romperam um pouco com isso devido a aberturas produzidas no decorrer da nossa história, através da luta dos movimentos, que têm uma influ-

ência muito forte na luta por políticas públicas, por direitos, pela inclusão. Mas ainda não é satisfatória." Outro obstáculo encontrado por esses grupos no mundo acadêmico é o uso do nome social, apesar de haver uma resolução do Ministério da Educação, homologada em 2018, que autoriza o uso em matrículas de instituições de ensino no país. "Ainda existe dificuldade internamente porque se cria uma burocracia para o reconhecimento dessa identidade de gênero. Bastava reconhecer o que a pessoa deseja", diz. Isso também ocorre dentro do ambiente profissional. Segundo Luma, ainda existem cientistas que ignoram o nome social, dificultando o diálogo e inibindo as pessoas. "Muitos cientistas que ainda não têm a abertura para compreender a questão da filosofia da diferença, não conseguem tratar a colega trans da forma como se identifica, como se apresenta. Optam por trazer questões de cunho tradicionais, não reconhecendo os avanços que a ciência biológica tem produzido", afirma Luma. Para ela, a presença de travestis e transexuais em espaços de ensino eram tabus que promoviam uma mudança epistemológica, não só na produção do saber, mas também nas pessoas. "Começam a desmistificar seus mitos e a conviver com aquele corpo que era marginalizado. Já é aprendizado, produz transformação."

CDC libera vacinação contra Covid para bebês a partir de seis meses

SAÚDE

REUTERS O CDC (Centro para Controle e Prevenção de Doenças dos EUA) aprovou neste sábado (18) a recomendação de vacinação contra Covid-19 para crianças com seis meses ou mais. Assim, a nova etapa de imunização pode começar na próxima semana. A votação dos especialistas do CDC teve placar de 12 a 0 a favor da medida. Após a decisão do painel, a recomendação foi confirmada pela diretora do CDC, Rochelle Walensky. "Sabemos que milhões de pais e responsáveis estão ansiosos para vacinar seus filhos pequenos e, com a decisão de hoje, eles podem", disse Walensky. A confirmação do CDC veio após a FDA (agência reguladora de medicamentos e alimentos) autorizar, na sexta (17), a vacina da Moderna para crianças entre seis meses e cinco anos, e a da Pfizer-BioNTech para seis meses e quatro anos. A vacina da Pfizer já estava autorizada para crianças acima dos cinco anos. "Esta infecção mata crianças e temos uma oportunidade de impedir isso", disse Beth Bell, uma das médicas do painel do CDC. "Aqui está uma oportunidade de im-

pedir um risco conhecido." O governo de Joe Biden planeja começar a vacinação dos grupos etários com menos de cinco anos ainda no começo da próxima semana. Embora muitos pais nos EUA estejam ansiosos para vacinar seus filhos, não está claro qual forte será a demanda pelas doses. A vacina da Pfizer foi autorizada para crianças de cinco a 11 anos em outubro, mas apenas cerca de 29% das pessoas dessa faixa etária foram totalmente vacinadas até agora. Pelas recomendações da FDA, a vacina da Moderna será adotado esquema de duas doses, com intervalo de um mês. As injeções contêm 25 microgramas, um quarto do que os adultos recebem. A taxa de eficácia foi de 51% na prevenção da infecção por ômicron para crianças de seis meses a dois anos e cerca de 37% para aquelas entre dois e cinco anos. Já a vacina da Pfizer terá três injeções: duas com intervalo de três semanas e a terceira dois meses após a segunda, cada uma com 3 microgramas, um décimo do que os adultos tomam. A taxa de eficácia na prevenção da infecção por ômicron foi de 75% em crianças de seis meses a dois anos, e de 82% entre dois e quatro anos.

“Foi muito difícil ser a primeira a ocupar esse espaço e colocar a temática como relevante no cunho científico porque as pesquisas existentes sobre travestis e transexuais nas ciências humanas foram conduzidas inicialmente no campo da prostituição”

Luma Nogueira de Andrade
professora da Unilab



NICOM
"O Gigante da Construção"



NEUTROL
3.6 Litros
Cod.: 15541
De R\$ 119,90
Desconto -22% **R\$ 94,00**



CUBA RAVENA
Quadrada - Ref.: 8703
Branca
Cod.: 538460
De R\$ 99,90
Desconto -21% **R\$ 79,00**



ACELERE SUA NINJA COM A VEDACIT

RS 200,00 EM COMPRAS DE PRODUTOS VEDACIT + 1 CUPOM PARA CONCORRER



TORNEIRA BLACK
Curva - Temporizada
Cod.: 11827
De R\$ 84,90
Desconto -22% **R\$ 66,00**



ASSENTO APOLO
Universal - Antimicrobiano
Branco
Cod.: 9948
De R\$ 92,90
Desconto -22% **R\$ 72,00**



LÂMPADA LED A10
E27 - 9W/8300K
Bivolt
Cod.: 212
De R\$ 6,49
Desconto -24% **R\$ 5,00**



DUCHA GORRUCHA
4 Temperaturas C/ Cano
220V/1500W
Cod.: 514
De R\$ 57,90
Desconto -21% **R\$ 45,00**



PISO PP-35410
45 X 45
Cx.: 2,2m²
Cod.: 1336
De R\$ 19,90/m²
Desconto -26% **R\$ 14,50**



***** SAC *****
(11) 5033-2021

VISITE NOSSO SITE:
www.nicom.com.br

R. Ática, 47 - Brooklin - SP/SP
Tels.: 111 5033-2000 98200-1400

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:
De Segunda a Sexta-feira, das 8h30 às 21h30; Sábado, das 7h às 21h; Domingo e Feriado, das 8h às 20h.



Ofertas válidas de 19/06/2022 a 25/06/2022 ou enquanto durarem os estoques. Preço FOB. Imagens meramente ilustrativas. Não acompanham os objetos decorativos, os acessórios e os metais. A loja reserva-se o direito de corrigir eventuais erros gráficos. Condição de pagamento para produtos deste anúncio - à vista, cartão, dinheiro-cheque.